

Daniel Dreifuss Escárate
Odette Vélez Valcárcel

O Poder De Educar:

Um olhar sobre o vínculo pedagógico



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos professores e professoras que, com sabedoria, paciência e amor, nos acompanharam no aprendizado e nos transmitiram sua paixão pelo ensino.

Da mesma forma, expressamos nosso agradecimento aos nossos alunos e alunas que, entre esperanças e desafios, nutriram nossa vocação pedagógica.

Queremos agradecer especialmente àqueles que tiveram a paciência de ler as primeiras versões de nossos textos e nos forneceram valiosos comentários e sugestões: Willy Nugent, Eliana Mory e Miquel Martínez.

Por fim, expressamos nosso afeto e gratidão a Eduardo Zapata, que prontamente aceitou escrever o prefácio deste livro, e a Christian Estrada, que realizou diligentemente o trabalho de correção.

APRESENTAÇÃO

Antes de tudo, esta dupla de artigos assinada por Daniel Dreifuss Escárte e Odette Vélez marca uma tomada de posição em relação ao “ser professor” - especialmente, ao ser um professor universitário. Esta é uma tomada de posição que considera as relações psíquicas, as questões afetivas e o espaço ético criados no vínculo pedagógico.

Indo na contramão de uma ideologia dominante que localiza a figura do professor apenas como um ventríloquo de saberes institucionalizados, os dois autores apostam nas ambiguidades e contradições que permeiam o ato pedagógico, as quais são entendidas enquanto potencialidades a serem consideradas na relação entre aluno e professor. Partindo de uma perspectiva psicanalítica, na qual as noções de intersubjetividade, falta e sentido funcionam centralmente, o argumento do texto é composto na direção de uma defesa de um movimento desejante do processo pedagógico.

Tal ideia é fundamental para uma reformulação do processo de aprendizagem, refletindo uma abordagem mais dinâmica e realista da educação. Quando alguém tem um desejo de aprender algo novo, isso não apenas impulsiona a motivação, mas também cria um senso de propósito e engajamento mais sólidos. Como dizem os autores,

afetados pela psicanálise, o desejo surge de uma percepção de falta ou desconhecimento, uma sensação de que há algo a ser aprendido ou uma situação a ser resolvida. Essa noção de sujeito "desejante", por sua vez, contrasta com a visão tradicional do aluno, que muitas vezes é retratado como alguém que simplesmente recebe informações sem um interesse genuíno ou participação ativa no processo educacional. Ao reconhecer o aluno como um sujeito desejante, a abordagem educacional muda para enfatizar a importância de despertar e cultivar esse desejo de aprender.

Por outro lado, de modo dialético, essa mudança também influencia a posição do professor em relação ao ensinar. Dreifuss e Vélez, em seus respectivos textos, trazem dados e interpretações sobre algumas experiências correntes (problemas de aprendizagem, o estresse e cansaço crônicos do professor etc.) no ensino superior, especialmente no Peru, de modo a debater uma relação na qual aluno e professor estejam sempre eticamente implicados.

Segundo os autores, a relação entre educador e educando, assim como a de analista e analisando, deve ser compreendida como um espaço ético - um espaço ético de aprendizagem. Essa relação, que se estende por todo o processo educativo, caracteriza-se pelo acolhimento e acompanhamento do aluno em seu desenvolvimento.

É um processo intersubjetivo que exige do professor uma postura adequada para que o aluno possa aprender. Uma postura que vai além da mera instrução técnica, focada na facilitação de condições para que o aluno construa seu próprio caminho. Uma posição de professor eticamente comprometida in-

centiva a autonomia e a criatividade, respeitando o ritmo individual de cada aluno; ajuda o aluno a construir sua própria compreensão do mundo; e utiliza diferentes estratégias pedagógicas, através de um diálogo aberto e construtivo. Além disso, contribui para a formação de cidadãos responsáveis, conscientes e críticos.

Nesse sentido, “O poder de educar” consiste num convite para repensar o papel do professor e a dinâmica educacional, enfatizando a importância do desejo de aprender, do espaço ético de aprendizagem e da formação de indivíduos comprometidos com o conhecimento e o desenvolvimento pessoal, social e emocional.

Vitor Pinheiros

SUMÁRIO

Prólogo, 15

Dr. Eduardo Zapata Saldaña

I. Vínculo afetivo dentro da sala de aula no ensino superior: Uma abordagem à realidade do professor, 23

Daniel Dreifuss

II. Marcas indeléveis: A relação pedagógica como espaço de aprendizado ético na universidade, 97

Odette Vélez Valcárcel

Sobre os autores, 263

PRÓLOGO

Acredito que devo dizer claramente — talvez contradizendo um pouco as expectativas dos editores deste livro — que não estamos diante de uma publicação para todos; nem mesmo, eu diria, para a maioria dos leitores.

O velho e sempre novo José Ortega e Gasset disse, há muito tempo — referindo-se ao que ele considerava o princípio básico de toda pedagogia - que só é possível ensinar o que o estudante necessita.

O mesmo ocorre com um livro. Ainda mais com um livro como este, em que o tema e o enfoque excluem — sim, leu corretamente, excluem — todos aqueles que não sentem a necessidade de realmente ensinar.

Assim sendo, se para você o ensino é apenas uma forma de complementar renda; se dar aulas consiste em repetir mecanicamente autores alheios ou — pior ainda — roteiros cheios de objetivos pedagógicos e didáticos, mas carentes, no final das contas, de ensino real; se você é daqueles que encaram sua passagem por uma instituição educacional como uma forma de adicionar ao currículo; se — resumindo — é daqueles que entram e saem da sala de aula sem se importar com o que seus alunos sentem, querem e podem, então não leia este livro.

E não o faça simplesmente porque ele não dirá nada a você, porque você — nas palavras de Ortega — não necessita disso; não sente a necessidade daquilo que precisamente esta publicação aborda.

Entretanto, se você é dos professores que acreditam que ensinar não é apenas se expressar, mas se comunicar; se tem claro que as palavras que emite têm o poder de fazer os alunos sofrerem ou se alegrarem; se, resumindo, é um autêntico profissional do ensino que sabe que educar é comunicar e que a comunicação pressupõe identificar e reconhecer os receptores, então seja bem-vindo a estas páginas. Elas serão muito úteis para você.

E isso é afirmado pelos próprios autores: "(...) o presente ensaio é um convite para que os professores universitários (e todos os professores, eu acrescentaria) reflitam sobre a relação que estabelecemos com os alunos no contexto educativo como um valioso espaço de aprendizado ético, no qual nossa principal tarefa é nos colocarmos à disposição para criar condições de aprendizado em que eles possam encontrar sua própria voz e expressá-la".

Todo ato de comunicação - verdade de Perogrullo - implica um eu que se dirige a um tu para fazer referência a algo diferente deles dois. A linguística nos ensinou a falar, então, de uma função expressiva (eu), de uma função apelativa (tu) e de uma função representativa da linguagem (isso). As famosas primeira, segunda e terceira pessoas gramaticais que todos conhecemos.

Como a pesquisa diacrônica dos atos de fala demonstra, a chamada representação objetiva-

da - que prescinde do eu e do tu - é tributária da escrita fonético-alfabética: a um som corresponde — diz-se — uma letra ou grafia específica. Um elemento, então, está objetivamente no lugar do outro; ele o representa.

Desde 800 a.C., com a invenção do alfabeto, passando pela imprensa tipográfica de caracteres fixos, até os processos massivos de alfabetização dos séculos XVIII e, principalmente, XIX - exigidos pela necessidade da industrialização de formar consumidores homogêneos para consumir produtos homogêneos - fomos treinados no mundo do isso, da terceira pessoa gramatical. E como consequência, tem sido inibido todo traço de expressão e apelo, limitando as vozes próprias e individuais, atentos apenas à reprodução da voz da autoridade deificada.

E isso continuou até os dias de hoje em muitas instituições. Estamos treinados em uma cultura do isso e na dispensabilidade do eu e do tu. Estamos treinados na supressão de emoções e sentimentos. Não ouvimos dizer que homens não choram?; e é muito sintomático que as avaliações de aprendizagem coloquem mais ênfase na medição de "leituras" do que de "escritas"?; e não é verdade que nossos testes de raciocínio verbal e matemático - que têm pouco de raciocínio - condicionam a "resposta" prevista pela voz da autoridade que prescinde, então, do ponto de vista do receptor?

Bem, culturalmente, isso acabou. Os alunos que temos em sala de aula — criados já no sistema cultural de um universo eletrônico e fa-

miliarizados, portanto, com os computadores — depositaram a terceira pessoa gramatical em um instrumento tecnológico que objetiva com mais eficiência do que nós. E eles sentem, agora, uma grande necessidade de se expressar, apelar e assumir o mundo do isso a partir da perspectiva dos interesses do eu e do tu.

Ares de liberdade sopram, então, em nossas salas de aula. Nunca mais a voz unilateral e indiscutível do professor - mesmo cartesianamente impecável — satisfará as expectativas dos alunos.

Segundo os autores deste livro: "Esta racionalidade dissociadora do mundo — interessada na separação sujeito / objeto, mente / corpo, intuição / razão, mitos / logos — governou durante o século xx e, embora tenha alcançado avanços enormes nos campos do conhecimento científico e tecnológico (...), também nos levou a um afastamento do ser humano de si mesmo e a uma desvalorização da subjetividade e da intuição como elementos fundamentais das formas de ser e conhecer".

Além disso: "Trata-se (...) de uma racionalização convencida de possuir a verdade, incapaz de reconhecer os limites da lógica, do determinismo e do mecanicismo".

E anunciando: "Desejamos deixar claro que a missão de um professor universitário é, de fato, formar um futuro profissional, mas acreditamos que não se pode falar realmente de pedagogia se o professor se relaciona apenas com os aspectos cognitivos de seus alunos e com os próprios sem considerar os aspectos mais humanos e reais da pessoa: os afetos".

Como os autores destacam: "Para aprender, é necessário desejar fazê-lo". Esse desejo, nos dias de hoje, só pode ser satisfeito se incorporarmos a categoria do afeto no processo educativo.

Neste contexto, este livro nos orienta a prestar atenção nas relações interpessoais - e, portanto, humanas - nos processos educativos. Como afirmam os autores: "(...) nos parece relevante começar a estudar o âmbito interpessoal das relações humanas que acontecem entre os membros da comunidade universitária como veículo de formação ética".

Ao revisar propostas pedagógicas estereis baseadas na apropriação da voz do estudante — e intuindo, creio eu, a mudança cultural propiciada pela eletronicidade — Odette Vélez Valcárcel e Daniel Dreifuss Escárate enfatizam a importância de recuperar o afeto nas salas de aula e mesmo fora delas. Nessa perspectiva, a recuperação dessa categoria é indispensável para realmente atender à alteridade, à diversidade, ao ser do outro.

Predicatividade, gratificação e economia continuam sendo princípios semióticos — aplicáveis à pedagogia — para garantir a aquisição dos sinais. Em termos simples: nossas palavras devem ser percebidas como verdades comprováveis (predicatividade); o que dizemos deve garantir o prazer do conhecimento (gratificação); e, finalmente, o custo da aprendizagem deve estar relacionado aos benefícios do que foi aprendido (economia).

Seremos os professores conscientes de algo tão simples assim? Estamos dispostos a admitir que nossas verdades não são imutáveis como

as escrituras sagradas? Teremos a coragem de promover - dar e receber - afeto como elemento garantidor do sucesso da comunicação educativa?

Portanto, leia este livro. Se você realmente acredita que os alunos, em sala de aula, não são apenas "livros abertos a serem preenchidos com conteúdos iluminados" pela soberba de nossos conhecimentos, muitas vezes carente de base, leia este livro porque ele trará de volta sentido humano e ético ao seu trabalho em sala de aula.

Termino dizendo que, pessoalmente, não acredito que a missão da universidade seja formar "boas pessoas" ou "agentes para a transformação social". Também não acredito que devamos enunciar isso como uma exigência ética separada do que compreende a formação de um bom profissional. Ser um desses nos dias de hoje - e isso me parece uma urgência acadêmica — engloba o anterior. E é por isso que não acredito — e os autores deste livro sabem e dizem — em cursos de Ética conceituados como ilhas. Sei que os autores podem não expressá-lo, talvez, tão enfaticamente quanto necessário, mas gostaria de permitir-me interpretar livremente suas preocupações: todo professor que entra em um espaço educacional não só deve ser um acadêmico sólido com pensamento autônomo, mas também deve estar comprometido social e eticamente com o cuidado dos outros, dos alunos. É então uma questão — e uma prioridade — selecionar, reter e incentivar bons professores. E um bom professor sabe que a educação não é expressão, mas comunicação.

Você tem em mãos um livro bem documentado e, acima de tudo, proativo. Leia-o. Posso garantir que seus alunos serão diferentes se você aplicar o que é dito aqui. E garanto que você mesmo se sentirá um profissional melhor e um ser humano melhor.

Como diz Jacques Derrida:

"A universidade deve (...), também, ser o lugar onde nada está seguro de ser questionado, nem mesmo a figura atual e determinada da democracia; nem mesmo a ideia tradicional de crítica (...) nem mesmo a autoridade (...) do pensamento como questionamento".

Dr. Eduardo Zapata Saldaña.